



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA
V TURMA

**CONFIANÇA E RECIPROCIDADE ENTRE A MÍDIA E A SOCIEDADE:
o sensacionalismo e a sensação de medo.**

José Geraldo dos Reis

Brasília, 2016

José Geraldo dos Reis

**CONFIANÇA E RECIPROCIDADE ENTRE A MÍDIA E A SOCIEDADE:
o sensacionalismo e a sensação de medo**

TERMO DE APROVAÇÃO

José Geraldo dos Reis CONFIANÇA E RECIPROCIDADE ENTRE A MÍDIA E A SOCIEDADE: O SENSACIONALISMO E A SENSACÃO DE MEDO Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Segurança Pública.

Brasília

2016

José Geraldo dos Reis

**CONFIANÇA E RECIPROCIDADE ENTRE A MÍDIA E A SOCIEDADE:
o sensacionalismo e a sensação de medo**

TERMO DE APROVAÇÃO

José Geraldo dos Reis CONFIANÇA E RECIPROCIDADE ENTRE A MÍDIA E A SOCIEDADE: O SENSACIONALISMO E A SENSACÃO DE MEDO Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Segurança Pública.

BRASÍLIA, 31 DE MARÇO DE 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Analía Soria Batista, Dra.

Prof. Sandoval Bittencourt Neto, Msc.

DEDICATÓRIA

A Deus, o Nosso Criador.

À Vida, o Grande Momento de Todos Nós;

Aos meus pais e demais familiares, por
todas as coisas boas que deles herdei.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, por todas as coisas boas que deles herdei.

Aos meus familiares, pela compreensão da ausência.

Aos meus amigos e às minhas amigas, por entenderem algum momento distante.

À Cristiane Ferreira, pela atenção e pelo depoimento.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com o presente trabalho.

À Banca de Defesa, pela contribuição para o enriquecimento desse trabalho.

À Secretaria Nacional de Segurança Pública/Ministério da Justiça (SENASP/MJ), por intermédio da Rede Nacional de Altos Estudos em Segurança Pública, pela singular oportunidade.

À minha Orientadora, Profa. Dra. Analía Soria Batista, pela excelência da atenção e do apoio na construção desta monografia.

À UnB, a todos os Professores e a todas as Professoras dessa Casa do Saber, pelo apoio, pelos ensinamentos e pela estrutura do Curso.

O meu Sincero Agradecimento!

Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto...
(Isaías 41:20)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a situação de confiança e de reciprocidade entre a mídia e a sociedade, com foco específico no sensacionalismo (maneira fantasiosa de apresentar fatos e notícias) e na sensação de medo provocada por esse sensacionalismo. No decorrer do trabalho, analisamos, além de bibliografias existentes, os tipos de temas, de matérias, de imagens e de fatos que a mídia insiste em explorar e de que forma ela apresenta esse conteúdo. Percebe-se que inexistem políticas públicas voltadas à orientação e/ou à normatização desse tipo de jornalismo. Outrossim, procuramos identificar o sensacionalismo midiático como uma outra causa para o medo nas pessoas, que vai além do instinto de auto-preservação, ou seja, buscamos apurar em que medida a mídia fantástica tem relação com a sensação de insegurança pública - medo - nas pessoas. Conforme observado por Paixão (2008) a preocupação com a (in)segurança pública ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão que apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de *show de variedades*, explorando aqueles fatos de maior repercussão de maneira fantasiosa e sensacionalista. Por fim, analisamos a relação apresentada pela mídia entre periferia e violência e as diferenças na cobertura dos fatos de acordo com as classes sociais que em que ocorre essa violência.

PALAVRAS-CHAVE: Confiança. Reciprocidade. Mídia. Sociedade. Sensacionalismo. Sensação. Medo. Insegurança.

RESUME

This study aimed to analyze the situation of trust and reciprocity between the media and society, with specific focus on sensationalism (imaginative way to present facts and news) and the sense of fear every prove it by this sensationalism. During the study, we analyzed, in addition to existing bibliografias, the types of themes, materials, images and facts that a mí-day stresses in exploring and how it presents that content. It is noticed that there are no public policies for guidance and / or regulation of this type of journalism. Furthermore, we seek to identify the media sensationalism as another cause for fear in people, that goes beyond self-preservation instinct, that is, we seek to ascertain to what extent the fantastic media has relation to the feeling of public insecurity - fear - in people. As observado by Passion (2008) the concern for public (in) security takes up most of the news and recurs in radio and television programs that present the events of the day, not as news, but in a kind of show va-manifolds, exploring those facts of greater impact of fanciful and sensationalist manner. Finally, we analyze the relationship between perife presented by media-ria and violence and the differences in coverage of the facts according to the so-cial classes in which this violence occurs.

KEYWORDS: Trust. Reciprocity. Media. Society. Sensationalism. Sensation. Fear. Insecurity.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	12
CAPÍTULO 1 - Cobertura midiática da Violência no Brasil: um exagero?	15
CAPÍTULO 2 - Os programas de cobertura de criminalidade na TV - <i>show de variedades?</i>	21
CAPÍTULO 3 - Influência dos shows <i>de variedades</i> no comportamento das pessoas	29
CAPÍTULO 4 - Os tablóides de forte apelo popular - mídia escrita	35
CAPÍTULO 5 - Breves comentários sobre o verdadeiro papel dos jornais, diverso do espetacularmente fantasioso	43
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

O Brasil é, hoje, uma grande potência econômica mundial. Segundo pesquisa do site *Logística Descomplicada* realizada em 2011, o *Brasil ascende como a sexta potência econômica mundial, ultrapassando a Itália no ranking dos maiores PIBs do mundo*. O país vem se destacando no cenário globalizado da economia o que, fatalmente, consiste no aumento dos movimentos migratórios de estrangeiros que tem o Brasil como uma referência de lugar para se morar com qualidade de vida. Ainda, com a evolução natural da espécie e da vida em sociedade, ascende, também, o número e a forma dos conflitos sociais, conflitos esses hodiernamente explorados pela imprensa.

Em contrapartida a essas migrações e a essas mutações sociais, surgem demandas de políticas que apontam para a necessidade de o país investir em diversos setores da sociedade, na manutenção do controle social, propiciando às pessoas a possibilidade de uma vida ordeira. Dessa demanda, fatalmente, urgem aquelas medidas voltadas à segurança pública, posto que, inclusive, migram para o País uma série de culturas distintas as quais até podem conflitar com o nosso modo de vida. Diversidade de estilos de vida, de comportamentos, de crenças, de costumes, de valores etc.

Nesse cenário, pesquisas e debates apontam para a (in) segurança pública como um fenômeno que ocupa importante posição dentre as preocupações da população brasileira, em muitos casos como a primeira posição.

Para Paixão (2008), essa preocupação ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão que apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de *show de variedades*, explorando aqueles fatos de maior repercussão.

Percebemos que esse *show de variedades* acrescenta um efeito dramatizado aos fatos e às notícias, o sensacionalismo é a arma mais utilizada nos programas, sem nenhuma preocupação com o seu conteúdo ou com essa forma perigosas de veicular.

No mundo, os índices de criminalidade violenta são coletados e organizados de forma a que se possa comparar e compreender a realidade sobre a insegurança, visto que ela, muitas vezes, pode não ser de fato correlacionada com a realidade.

Assevera então, Paixão, que essa percepção de realidade pode estar sofrendo algum tipo de interferência ainda que de forma velada, e que o que as pessoas realmente pode ser algo fantasioso, provocado por algum tipo de exposição que a sociedade esteja sofrendo. Seria a má influência da mídia? Seria a forma como tem sido noticiados fatos e notícias causando a impressão de que o caos está instalado, quando na realidade, muitas vezes, trata-se de casos isolados?

Em continuidade às conexões entre mídia e criminalidade, afirma, ainda, Batista (2002, p. 5 e 6), que sem o embargo da contribuição de muitos trabalhos assim orientados, cumpre reconhecer que quando o jornalismo deixa de ser uma narrativa com pretensão de fidedignidade sobre a investigação de um crime ou sobre um processo em curso ele destoa o seu papel. Assim, conclui Batista que esse jornalismo assume diretamente a função investigatória ou promove uma reconstrução dramatizada do caso. Finaliza o autor questionando “Quem duvida de que os infelizes foragidos cujos crimes são requintadamente exibidos no programa *Linha Direta* estão sendo julgados, sem defesa, naquele momento, e não pelo júri que referendará o veredicto de Domingos Meirelles?”

Batista deixa clara a impressão de que a mídia está agindo de forma fantasiosa, e que muitas vezes, por conta própria, assume o papel dos órgãos de segurança, sem qualificação nem competência para tal, e passa a investigar à sua maneira os fatos ocorridos, e por si, conclui ideias, atribui autorias, condena e, de forma irresponsável, leva aos meios de comunicação essa posição e essa conclusão geralmente deturpadas da realidade. A mídia dramatiza situações, indiferente do resultado negativo que essas dramatizações possa gerar como consequência nas pessoas expostas a essas apresentações.

Desses pressupostos, ainda, segundo Batista (2002), simplesmente, poderíamos dizer que o tratamento do assunto repercussão fantástica de notícias se desloca da estética para a ciência política. Aduz que, portanto, os juristas têm algo a dizer e devem dizê-lo.

De igual maneira na interpretação do papel da mídia e da influência desse papel na vida da sociedade, Ramos e Paiva (2007) coletaram depoimentos diversos de profissionais de jornalismo de diversos veículos do país e os apresentou em sua obra sob a perspectiva de estudar a evolução da cobertura da imprensa brasileira sobre segurança pública. Para as autoras, seu livro realiza uma análise acurada do

trabalho desempenhado pelos jornais impressos nos últimos anos, abordando sua contribuição para o debate do tema.

A METODOLOGIA

O tema violência e criminalidade emerge no seio da sociedade. Ocorre que essa temática tem sido explorada pela mídia de maneira tal que, inclusive, pode estar até mesmo interferindo na percepção da realidade pelas pessoas.

Muitas são as observações acerca da maneira pela qual os veículos de comunicação tem abordado e tratado o tema violência e criminalidade e suas nuances. O noticiário abrange desde os jornais que simplesmente noticiam os fatos, de maneira simples e direta, até aqueles veículos que sensacionalizam todo e qualquer fato ocorrido. Este último extrapola os limites da inteligência humana e, como num “show de variedades”, faz uso dos mais estranhos e massantes artifícios em prol da Audiência.

Partindo dessas observações, e visando algum novo estudo abordando o tratamento da imprensa à problemática violência e criminalidade, optamos por focar, especificamente, na mídia sensacionalista e na sua relação com a sensação de medo e de insegurança nas pessoas.

Posto que o tema é atual e emergente, decidimos estudá-lo, adotando como metodologia a exploração da bibliografia preexistente, além da pesquisa exploratória dos diversos veículos que transmitem informações, visando buscar mais informações sobre a relação de confiança e de reciprocidade entre a mídia e a sociedade, mais precisamente, sobre o sensacionalismo utilizado pelos meios de comunicação e a sensação de medo nas pessoas. Esse acompanhamento se deu assistindo programas televisivos para identificação das principais características daqueles, lendo jornais para identificar as formas com que abordam as suas matérias, buscando entender os por quês de cada forma de abordagem.

O trabalho de construção do presente estudo envolveu uma série de procedimentos, sem os quais não seria possível a sua conclusão. Esses procedimentos envolveram desde a ampla leitura de bibliografias que guardam, de alguma maneira, a correlação com o assunto, passando pela leitura diária de alguns tablóides voltados

à abordagem de crimes e da criminalidade, até o acompanhamento diário de alguns programas televisivos voltados ao tema.

Dessa metodologia extraímos dados bastante significativos e que vieram a enriquecer o presente trabalho, merecendo destaque:

- Nas bibliografias, o que destacam?

As fontes bibliográficas consultadas pouco abordam sobre o que chamamos de sensacionalismo. Ramos e Paiva (2007, p. 77), apresentaram importante conclusão, sobre os noticiários, aduzindo que a maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ainda, concluem que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. Ocorre um imenso número de reportagens e de notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções etc. Os próprios repórteres assumem essa falha nos seus trabalhos, nos seus veículos, nas suas matérias.

A escolha das pautas se baseia na linha editorial dos veículos que, na maioria dos casos, privilegia a cobertura de bairros nobres das cidades onde estão concentrados seus leitores. Ainda, na atualidade, percebemos essa atuação do chamado repórter de polícia. Geralmente são profissionais recém formados e que ainda não tem sua base concreta de atuação, não tem uma especialização em tema diverso e acabam por atuar no campo da violência e da criminalidade.

- De que forma são abordadas as matérias que envolvem violência e criminalidade nos programas de televisão? O Que as destacam das demais?

Verificamos como os veículos de comunicação abordam os fatos, como os exploram e os ilustram, explorando detalhes das cenas, repetindo massivamente as mesmas imagens, fotos, documentos, alongando o tempo dedicado às matérias que consideram boas de audiência chegando a ocupar uma tarde inteira nos canais de televisão.

Os apresentadores fazem a chamada das matérias repetidas vezes, por horas a fio, sem chegar aos finais, sem na realidade noticiar os fatos propostos.

Quando se chega quase ao fim do programa, fazem um resumo daquilo que tanto ameaçaram apresentar, isso quando não é a matéria do dia, aquela que consideram que o povo irá parar horas em frente à sua TV. As imagens são as mais pobres possíveis. Com uma meia dúzia de fotos ou alguns segundos de imagens gravadas, chegam a ficar quase uma tarde no mesmo fato, uma verdadeira pobreza de conteúdo e uma extrema falta de criatividade.

A isso, se acrescenta, ainda, um alto índice de merchandising, que são os cachês extras dos apresentadores, alongando ainda mais o tempo das explorações de matérias relacionadas à criminalidade e à violência. Ademais, sempre que chega o momento de apresentar finalmente o fato, o apresentador entra com alguma propaganda de produto, ou com o intervalo comercial, no intuito de segurar a audiência daquele suposto expectador por mais tempo.

O que mais exploram são Imagens fortes, comentários fortes, chavões, duração das matérias, inserções durante o programa para fechar somente no fim do programa, inserções ao vivo, policial tratado como autor e marginal como suspeito entre outras.

Em síntese, esse tipo de mídia visa, exclusivamente, a audiência, não se importando com a qualidade final do produto, qual seja, o programa televisivo, o noticiário.

- Na mídia, qual a diferença dessa abordagem das demais temáticas?

Ramos e Paiva (2007) apresentaram no seu trabalho relatos de profissionais de alguns jornais do país os quais assumem que a preferência das chefias de redação é para matérias que envolvam alto índice de violência ou de criminalidade. Geralmente, são deslocados para cobrir esse tipo de matéria reportes que eles classificam como policiais, e que não apresentam qualificação, nenhuma especialização.

Os profissionais melhor qualificados são destacados para setores “mais nobres” dos jornais, para cobertura de temas como política, saúde, tempo, tecnologia etc.

Por fim, resumimos que os principais procedimentos utilizados para a elaboração do presente trabalho foram a leitura de várias bibliografias afetas ao tema em questão. Bibliografias atuais e de grande significado que enriqueceram o estudo,

apontando tendências na cobertura da criminalidade e da violência, com suas nuances voltadas à exploração sensacionalista da temática.

Outrossim, fora efetuado exaustivo acompanhamento de jornais e de revistas, impressos e televisados, no intuito de se perceber o que era mais explorado em cada fato, em cada matéria, além de se buscar identificar quais os meios e as formas mais utilizados e mais explorados por cada veículo.

Tanto nos jornais impressos quanto nos televisados, devido a algum tipo de protocolo e por questão de ética desses veículos, não são apresentadas imagens de pessoas mortas com os detalhes do que as levaram à morte. Geralmente essas imagens são tratadas e recebem máscaras, apresentando apenas uma sombra delas.

O que muito se faz é utilizar umas poucas imagens para cada reportagem e ficar repetindo essas imagens durante toda a apresentação da reportagem na TV. Com uma meia dúzia de fotos ou alguns segundos de vídeos, se desdobram fatos, exaustivamente explorando esse pouco conteúdo imagético que detém.

Através desses procedimentos, foi possível confirmar as hipóteses levantadas, qual seja, o sensacionalismo toma conta dos meios de comunicação quando se trata da abordagem da violência e da criminalidade.

Do universo extenso existente no país, preferimos acompanhar, por motivos de tempo e de espaço minimizados, a amostra de alguns tablóides, de poucos programas de TV que se destacam quando se trata da exploração sensacionalista de violência e de criminalidade. Essa amostra será apresentada a partir do Capítulo 2 deste estudo.

CAPÍTULO 1

Cobertura midiática da Violência no Brasil: um exagero?

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (novembro/2015), apontam que a população brasileira atual está projetada em 205.085.286 pessoas.

Dentro desse enorme número que compõe a população, ainda, aportam no País uma diversidade de culturas, modos de vida. Diversidade de estilos de vida, de

comportamentos, de crenças, de costumes, de valores, de raças e de etnias etc. Daí, também, pode estar aportando tipos de violência e de criminalidade peculiares a cada cultura que aqui se estabelece com os movimentos migratórios.

Segundo o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP, no ano de 2014 foram registrados os seguintes dados sobre criminalidade e violência:

- os gastos com segurança pública em 2014 atingiram a cifra de R\$ 71,2 bilhões de reais.

- ao menos 58.497 pessoas foram vítimas de mortes violentas intencionais no Brasil. Isso representa uma taxa de 28,8 mortes violentas para cada grupo de 100 mil habitantes;

- 398 policiais foram mortos por cidadãos infratores;

- a cada 3 horas uma pessoa foi morta pela polícia no ano passado, resultando em 3009 vítimas;

- 118.379 armas de fogo foram apreendidas naquele ano;

- para fazer face à violência e à criminalidade, o Brasil contou, em 2014, com 666.479 policiais e guardas municipais (Desse efetivo, 64% são policiais militares, 18% policiais civis, 15% guardas municipais, 2% policiais federais e 1% policiais rodoviários federais).

- Já a população carcerária brasileira atingiu, em 2014, 607.373 pessoas;

- 23.066 adolescentes cumpriam medidas socioeducativas privativas de liberdade no último ano.

- 50% dos residentes nas grandes cidades brasileiras concordam com a frase "*Bandido bom é Bandido Morto*".

- Nas escolas, Dados da Prova Brasil 2013 revelam que 16,3% dos diretores de escolas públicas identificaram a presença de armas brancas entre alunos. No Distrito Federal e no Amapá, esse fato foi apontado por 1 entre cada 3 diretores.

Os dados são reais, foram obtidos através de pesquisas de um dos mais renomados e especializados Institutos de acompanhamento da evolução da criminalidade e da violência no Brasil. Os dados são coletados nas Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e no próprio Fórum Brasileiro.

Se observarmos os dados absolutos apresentados pelo FBSP, percebemos indicadores bastantes consideráveis em termos de criminalidade e de violência. Ressaltamos que esses dados apresentados são anuais.

Partindo dos dados apresentados, concluímos que realmente é grande a violência, que pessoas tem sido vitimadas diuturnamente e em diversos casos tem ceifada sua vida por agentes da criminalidade, por motivações das mais diversas.

Em contrapartida, abordaremos a cobertura da mídia sobre essa violência e sobre essa criminalidade. *Matéria prima* suficiente está evidente que os veículos de comunicação dispõe, inclusive por intermédio de dados fornecidos pelos próprios órgãos de segurança pública oficiais.

O que direcionou o presente estudo foi exatamente o que os *profissionais* da imprensa tem feito com tão vasto material, com esse universo de fatos e de informações com os quais poderiam trabalhar de forma concreta, honesta, e, acima de tudo, o mais próximo da realidade.

A segurança pública figura entre as principais preocupações da população. Ademais, essa preocupação da sociedade com a sua segurança é um dos principais objetos de campanhas políticas com o fito de prometer a reversão dos indicadores em prol da conquista de votos, contudo, o que pouco se vê é a atuação governamental efetiva para combater a violência.

Conforme aduz Paixão (2008), essa preocupação com a segurança ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão que apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de *show de variedades*, explorando aqueles fatos de maior repercussão.

Em complemento, asseveram Ramos e Paiva (2007, p. 21) que a presença de um grande número de notícias sobre violência e segurança não significa que a qualidade da cobertura seja satisfatória, mas tem que ser valorizado o fato de que os grandes jornais dão importância ao tema em suas pautas e cobram de governantes respostas efetivas.

Certo é que a cobertura da criminalidade e da violência feita pela imprensa é muito ruim; que essa cobertura apenas é comprometida com o próprio interesse em obter audiência, sem se preocupar com a qualidade e até mesmo com a veracidade e com o alcance de cada matéria publicada. Vemos programas tão pobres que che-

gam a ficar horas a fio abordando a mesma matéria, o mesmo fato, com imagens repetitivas, sem qualidade e sem nenhum atrativo.

Cada um dos apresentadores cria uma personagem, como que numa ficção, para si. Tipos exóticos, alguns voltados para o engraçado, outros para o polêmico, alguns para o coitadinho e assim sucessivamente. Os próprios apresentadores de programas de tv não se preocupam em ser eles mesmos, são marionetes criadas por autores de *novelas mexicanas*. Sem nenhuma autenticidade.

Afirmam Ramos e Paiva (2007, p. 74), que o pensamento das pessoas que estão à frente dos meios de comunicação é elitista; é um olhar marcado pela invisibilidade, pela insensibilidade e pela inconsequência do discurso. Concluem, ainda, que uma parte dos jornalistas é muito despreparada. Esses *profissionais* estão valendo-se mais da apelação e do sensacionalismo do que do dever de anunciar os fatos e as notícias.

Mas, importa-nos observar, ou pelo menos tentar essa observação, sobre o que tem levado esses veículos à tão significativa perda da qualidade ao se disporem a conduzir suas produções marcadas pela super valorização de detalhes às vezes até insignificantes para cada fato e até mesmo maçante e cansativo para o espectador?

Será que estão centrados na assertiva de que *violência é que vende jornal ou que dá audiência?*

Conclusões importantes são apresentadas por Ramos e Paiva (2007, p. 77), por intermédio de depoimentos de jornalistas que participaram do estudo apresentado. Um extrato do texto dessas autoras apresenta uma importante conclusão, muito próxima do que deveras percebemos nos noticiários:

A maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções etc.

Importante percebermos a partir do extrato que os próprios repórteres assumem essa falha nos seus trabalhos, nos seus veículos, nas suas matérias. Contudo, vários são os motivos apresentados por esses jornalistas como possíveis causados

res desse afastamento dos profissionais da imprensa das comunidades. Ramos e Paiva (2007, p. 77), registram essa passagem com o seguinte conteúdo, contendo especificidades da cobertura no Rio de Janeiro e em outros estados do País:

Os repórteres admitem as deficiências da cobertura e afirmam que é necessário estabelecer novos canais de diálogo com as comunidades pobres. No entanto, citam várias dificuldades para justificar essa ausência – desde a falta de fontes legítimas e independentes até a recepção negativa que encontram por parte dos moradores. Vários jornalistas, na maioria do Rio de Janeiro, descreveram reações de hostilidade por parte dos habitantes das favelas. Em geral, os xingamentos e as ameaças recaem sobre a imprensa quando ela acompanha operações policiais. “Eles acham que nós é que estamos levando a polícia lá”, acredita Alexandre Arruda, repórter de O Dia. A jornalista Mônica Puga, do SBT, lembra que a imprensa tinha no passado um relacionamento predominantemente amistoso com as comunidades, fácil acesso e, em alguns casos, era considerada a voz da população. “Hoje, os jornalistas são recebidos como alcagüetes”.

Cabe perguntar: será que os repórteres estão limitando a sua presença nas favelas ao acompanhamento de ações policiais por causa da hostilidade da população ou passaram a encontrar uma recepção hostil por só acompanharem as ações policiais?

Conforme apresentam Ramos e Paiva (2007), nos outros estados do País a relação entre imprensa e comunidades populares parece ser menos tensa. Elas anotam que Mauro Neto, editor de Mercado do Jornal O Liberal, diz que no Pará os jornalistas não precisam pedir autorização para entrar em favelas. Ainda, em Minas Gerais, um dos maiores estados do Brasil, segundo Arnaldo Viana, editor de Cidade de O Estado de Minas, até em favelas apelidadas de “ninhos do crack” a imprensa não encontra dificuldades de fazer o seu trabalho.

Existe então uma relação direta entre a atitude da população (hostilidade) e o afastamento dos jornalistas das comunidades quando da cobertura de ocorrências? Uma boa resposta é dada por um dos entrevistados de Ramos e Paiva (2007, p. 79):

A escolha das pautas se baseia na linha editorial dos veículos que, na maioria dos casos, privilegia a cobertura de bairros nobres das cidades onde estão concentrados seus leitores. É o que destaca o diretor da sucursal Rio de um grande jornal. “O pessoal a redação até brinca e diz assim: ‘Olha, matéria grande em favela longe, só acima de 12 mortos’. É meio cruel, mas é isso mesmo. Agora, se for na Rocinha [localizada em zona nobre do Rio], o

jornal dá a maior importância do mundo. É alto de página em todos os jornais; isso é ponto pacífico”, explica.

Jozino cita como exemplo o parricídio. Segundo ele, a tragédia de uma jovem pobre que matou os pais será considerada mundo cão e renderá, no máximo, uma nota; mas se a criminosa pertence à classe alta, como a jovem paulistana Suzana Richthofen, o crime é objeto de extensa cobertura.

“Não adianta brigar com a notícia, a notícia é o rico. Tem até briga para obrir o caso da Suzana. A vida tem mais valor de acordo com as posses. A imprensa é isso”, constata. Mesmo o jornalismo televisivo, que atinge virtualmente toda a população, inclusive os setores de baixa renda, segue critérios semelhantes. “Pobre não se interessa pela história de outro pobre. Ele mesmo acha que a violência na classe baixa está banalizada”, diz um repórter de televisão.

Está evidente, então, que cada jornal tem seu público estipulado previamente a partir da classe social das pessoas que pretende atingir. Que a partir desse público é que chefes de redação direcionam suas pautas dentro dos conceitos que possuem acerca de cada uma dessas populações. Bairro nobre tem maior importância para a mídia. Por menos importante que seja o fato, esse é maximizado e recebe maior importância na cobertura. Existe uma banalização da cobertura. Violência não está ligada à classe social a que pertence a pessoa. Tanto pobres quanto ricos matam, roubam, furtam, traficam e cometem qualquer tipo de crime. Esse exemplo do parricídio é uma máxima. Com frequência ocorrem casos de filhos que matam pais nas classes menos favorecidas, contudo, pelo crivo dos jornais esses fatos não merecem preencher suas páginas. Agora, caso ocorra o contrário, filho de rico matando pais ricos, isso ocupa meses de noticiário. As vidas das pessoas então valem mais menos de acordo com as posses? Não estaria a mídia proliferando uma cultura de discriminação social? Cabe, num futuro, estudo sobre o fato.

Em outros momentos do seu trabalho, Ramos e Paiva ainda destacam um fator bastante considerável acerca do que pode ser um dos fatores causadores dessa forma de cobertura midiática da criminalidade e da violência. Elas abordam o que diz respeito ao *status* do repórter de crime e segurança nas redações, que são *repórteres do geral* e, portanto, dedicam-se também a cobrir outras questões urbanas como educação, habitação, saúde, trânsito etc. Ou seja, são repórteres que não possuem uma especialização ou preparação, que fazem de tudo que aparecer pela frente. Não se qualificaram em um tema específico, cobrindo o que lhes for indicado na pauta. São os chamados *repórteres de polícia*, “que pouco se diferencia dos policiais e não consegue transitar além da delegacia”, concluem.

Dessa qualificação dos repórteres, Ramos e Paiva (2007, p. 20) extraem:

Na origem das mudanças verificadas estão fatos que transcendem as decisões dos jornais. César Camasão, editor do *Agora São Paulo*, avalia: “Os repórteres também mudaram. É uma geração tão antiga essa do rato de delegacia, que buscava a pior história, a do cara que estuprou a menina de três anos... A nova geração tem mais cuidado com isso, até porque é uma geração de classe média. São pessoas mais novas, que fizeram faculdade”. André Luiz Azevedo, da TV Globo, acredita que a evolução da realidade de direitos humanos, segurança pública e criminalidade no país exigiu a qualificação dos jornalistas: “Quando eu comecei profissionalmente, a editoria de Polícia era discriminada e desqualificada. Era o lugar das pessoas mais despreparadas. Hoje em dia, estamos chegando a um ponto onde, em alguns veículos, o noticiário de polícia se tornou o assunto principal. Não estou falando dos veículos mais populares, os que já eram considerados policiais. A questão é que em muitas cidades a violência se transformou seguramente no tema de maior interesse da população. E também nos principais prêmios de imprensa, nos últimos anos, as reportagens e as investigações ligadas à violência estão entre as mais premiadas”.

Ainda, na atualidade, percebemos essa atuação do chamado repórter de polícia. Geralmente são profissionais recém formados e que ainda não tem sua base concreta de atuação, não tem uma especialização em tema diverso e acabam por atuar no campo da violência e da criminalidade.

CAPÍTULO 2

Os programas de cobertura de criminalidade na TV - *show de variedades*?

Conforme retromencionado, aduz Paixão (2008) que a preocupação com a (in)segurança pública ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão que apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de *show de variedades*, explorando aqueles fatos de maior repercussão de maneira fantasiosa e sensacionalista.

Muitas das vezes, os noticiários tomam conta de toda uma tarde nas televisões e, de forma exaustiva e desqualificada, tratam do mesmo caso por horas a fio,

durante semanas e até meses. Exemplo disso é o caso do assassinato de Eliza Samúdio, cuja data da morte está em processo de investigação, o mais provável é 10 de julho de 2010. O crime foi imputado ao ex-goleiro do Flamengo Bruno Fernandes de Souza e a outros comparsas dele. O crime ocorreu há mais de cinco anos, contudo, sempre que há algum tipo de informação, de qualquer fonte, fidedigna ou não, e que envolva o bárbaro homicídio, a imprensa fantasiosa e sensacionalista retoma todo o caso, inundando de repetitivas matérias os programas dos canais de televisão que tratam especificamente do tema criminalidade e violência.

2.1 Mas o que inspira esse *show de variedades*? Vontade de aparecer de apresentadores fantasiosos e criadores de personagens sensacionalistas e com chavões que se incutem na mente dos expectadores?

O que é visto nos noticiários televisivos na atualidade é a predominância de jornalistas mais antigos, e que aportaram inicialmente em outros campos da notícia e hoje se voltaram para sensacionalizar os noticiários da violência com seus tipos e/ou personagens por eles criados.

Talvez, inspiração para os atuais programas e apresentadores tenha nascido na imagem de um homem que conseguia a atenção de grande parcela de expectadores para o seu programa, devido a um tipo de personagem que representava.

Segundo o site Wikipédia, Cândido Gil Gomes Jr., nascido no Estado de São Paulo no dia 30 de junho de 1940, e mais conhecido como **Gil Gomes**, é um jornalista e advogado bem como repórter policial do rádio e da televisão brasileira que se tornou popular graças a seus estilos personalíssimos de voz, de gestos e de se vestir. O jornalista sofria de gagueira e para superá-la tentava imitar os locutores esportivos que ouvia pelo rádio.

Ainda, segundo o Wikipédia, para se diferenciar do jornalismo sisudo e bem comportado da Rede Globo, em 1991 o SBT idealizou o jornal diário Aqui Agora como um jornal popular no formato e na linguagem. O Programa inovava na forma de transmitir noticiários abordando a temática violência e criminalidade. O Apresentador caiu no gosto popular, quebrou aquela imagem de apresentador carrancudo, de notícia direta, sem comentários, sem explicações, para um programa como um certo

toque de personalístico, e, até mesmo de engraçado, apesar das tragédias que anunciava.

Entre os convidados para integrar a equipe de locutores e repórteres do jornal *Aqui Agora* Gil Gomes aparecia ao lado de Sônia Abrão, de Celso Russomanno, de Jacinto Figueira Júnior (cujo personagem era *o homem do sapato branco*) e de Wagner Montes, dentre tantos outros apresentadores.

Gil Gomes está afastado da televisão desde 2005, acometido pelo mal de Parkinson.

Imagem 1. Apresentador Gil Gomes



Fonte: Wikipedia

A partir de Gil Gomes, um apresentador mais original, inovador na área do jornalismo policial, começaram a surgir programas e apresentadores dos mais diversos tipos e características, contudo, uma das mais fortes marcas de Gomes não foi assimilada, ele não sensacionalizava, Sua personagem, por si só, despertava a atenção e o interesse da audiência, sem precisar ser maçante, sem necessitar ficar uma tarde toda com o mesmo assunto, sem criatividade e sem um toque pessoal de credibilidade.

Gil Gomes transmitia credibilidade aos seus expectadores. Ele apresentava os fatos, as entrevistas e os criminosos de uma maneira própria, com uma marca própria.

Depois de Gil Gomes outros apresentadores ocuparam os jornais policiais, mesmo sem a sutileza de Gomes. Esses repórteres adotaram um tom fantasioso, sensacionalista de dar a notícia. Sem originalidade e sem o compromisso de bem informar à plateia eles passam horas a fio, ao vivo, repetindo um ou outro fato que consideram digno de audiência de lotar os lares das pessoas.

Dentre esses repórteres fantasiosos que se exibem em rede nacional, citamos os 3 principais da atualidade, cujos dados foram extraídos do site Wikipédia:

- José Luiz **Datena**, 58 anos, jornalista, político, locutor esportivo e apresentador de televisão brasileiro. Ele é apresentador do **Programa Brasil Urgente**, apresentado pela Band TV de segunda a sábado;

Imagem 2. Apresentador José Luiz Datena



Fonte: Wikipédia

- **Marcelo** Luiz **Rezende** Fernandes, 64 anos, é um jornalista e apresentador de televisão brasileiro. Começou sua carreira no Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro, como repórter esportivo de clubes, nos anos 70. Apresenta o **programa Cidade Alerta**, da TV Record de segunda a sábado. Seu bordão conhecido é o “corta prá mim”;

Imagem 3. Apresentador Marcelo Rezende



Fonte: Wikipedia

- **Geraldo Luíz** do Sacramento, 44 anos, conhecido como Geraldo Luíz é um apresentador e jornalista brasileiro. Geraldo tornou-se conhecido por apresentar o **telejornal Balanço Geral SP**, da TV Record, com o bordão "Balança". O programa também vai ao ar de segunda a sexta.

Imagem 4. Apresentador Geraldo Luíz



Fonte: Wikipedia

Ainda do site Wikipédia, extraímos os dados dos três principais programas, os mesmos acima listados, contendo uma definição clara sobre cada um desses:

- “**Brasil Urgente** é um programa de televisão jornalístico brasileiro exibido pela Rede Bandeirantes. O programa estreou no início de novembro de 2001, apresentando inicialmente pelo jornalista Roberto Cabrini. Em 2003, José Luiz Datena assumiu o programa. Apresentado por José Luiz Datena (Edição Nacional e estado de SP), o Brasil Urgente exibe o seu noticiário com casos policiais. Trata-se de um telejornal com uma linha popular, tendo bastante entradas ao vivo de repórteres de São Paulo , Rio de Janeiro , Belo Horizonte , Salvador , Curitiba etc. e entrevistas; também é muito utilizado o helicóptero para a cobertura de tragédias, e são exibidas matérias gravadas sobre crimes hediondos e bizarros. Por causa disso, o programa é acusado de desrespeitar inúmeros direitos humanos”.

Imagem 5. Tela do Programa Brasil Urgente



Fonte: Wikipedia

- “**Cidade Alerta** é um programa jornalístico policial brasileiro da Rede Record. Foi exibido, em sua primeira fase, de 1995 a 2005, o primeiro apresentador foi o jornalista Ney Gonçalves Dias. Na segunda fase, foi ao ar de 20 de junho a 12 de setembro de 2011, inicialmente apresentado por José Luiz Datena, depois por William Travassos e por último Reinaldo Gottino. Voltou ao ar em sua terceira fase em 4 de junho de 2012 com a apresentação de Marcelo Rezende para o estado de São Paulo e via satélite para todo o Brasil, além de versões locais exibidas nos outros 25 estados e no Distrito Federal. É exibido de segunda a sexta, no final da tarde, em formato mesclado: policial e interativo, sendo também transmitido, ao vivo, pelo seu site oficial, no portal R7. Além disso, conta com a interatividade das redes sociais. Em 21 de setembro de 2013, a fase atual do Cidade Alerta ganhou uma edição es-

pecial ao sábados, denominada Cidade Alerta Especial. O programa é acusado de desrespeitar inúmeros direitos humanos”.

Imagem 6. Tela do Programa Cidade Alerta



Fonte: Wikipedia

- “**Balanço Geral** é um formato padrão de programas jornalísticos locais, criado na Bahia e difundido pelo país, após os anos 2000, com forte apelo popular. Dependendo da localidade, pode ser exibido pela manhã, no horário do almoço ou também aos sábados, pelas emissoras filiais e afiliadas à Rede Record. Possui versões nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, sendo elas locais, regionais ou estaduais. Atualmente a Rede Record de televisão fez com que o Balanço Geral Manhã fosse transmitido nacionalmente, a programação é apresentada por Luiz Bacci, das 06h30 até as 07h00 (Segunda - Sexta), o jornal é gravado nas centrais da Rede Record Paulista. O Balanço Geral tarde é apresentado individualmente por cada estado brasileiro. O programa é acusado de desrespeitar inúmeros direitos humanos”.

Imagem 7. Tela do Programa Balanço Geral



Fonte: Wikipedia

Uma curiosidade importante é que, atualmente, o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT - e a Rede Globo de Televisão não tem na sua programação os programas voltados ao apelo popular relacionados à violência e à criminalidade. O máximo que a Rede Globo, por exemplo, chegou a apresentar foi o programa Linha Direta, que de longe supera o jornalismo sensacionalista em termos de conteúdo.

O Linha Direta é classificado pelo site Wikipedia como “...um programa da Rede Globo, exibido nas noites de quinta-feira entre 1999 e 2007. O programa dedicava-se a apresentar crimes que aconteceram pelo Brasil e cujos autores estariam foragidos da Justiça”. O programa foi ao ar de 1999 a 2007, e era apresentado por Domingos Meirelles.

Uma pena as demais emissoras não terem seguido o bom exemplo. O programa da Globo auxiliou os órgãos de segurança a esclarecerem uma infinidade de crimes, posto que sempre apresentava os verdadeiros suspeitos de cada crime que o programa apresentava. Inclusive, eram mostradas fotografias de agentes de crimes e denunciados os possíveis locais onde foram vistos.

Imagem 8. Tela do Programa Balanço Geral



Fonte: Wikipedia

Já o SBT, teve em sua programação o jornalístico Aqui Agora, que foi um telejornal brasileiro de apelo popular, exibido entre 1991 e 1997 (primeira versão) e em 2008 (segunda versão). O jornal criou uma tendência que seria seguida pela maioria das emissoras: comprava material de cinegrafistas amadores e independentes, e os

explorava como matérias jornalísticas. Como apelo, o Aqui Agora utilizava o slogan "um jornal vibrante, uma arma do povo, que mostra na TV a vida como ela é!".

Segundo o Wikipédia, o Aqui Agora também exibia, em um tom mais jocoso, fofocas do meio artístico e um quadro de defesa do consumidor. Alcançou altos índices de audiência e chegou a ameaçar a Rede Globo no horário na Grande São Paulo.

Imagem 9. Tela do Aqui Agora



Fonte: Wikipedia

Foi lançada a semente, foi iniciada a jornada de emissoras que sem criatividade, copiaram o modelo de jornalismo explorador das reportagens policiais com um forte apelo popular e que, de maneira até irresponsável, apresenta para o seu público matérias cobertas de sensacionalismo, de opiniões pessoais dos próprios apresentadores, que, inconsequentes, jorram palavras e termos para angariar a audiência das pessoas.

CAPÍTULO 3

Influência dos shows *de variedades* no comportamento das pessoas

Muitas pessoas sofrem a influência dos programas de televisão que se apresentam recheados de um exagero e de um sensacionalismo exacerbado, através de

matérias repletas de imagens de conteúdo forte e de outros artifícios ardis, cujo foco é forçar uma audiência. Essa influência geralmente provoca nessas pessoas a sensação de que o mundo está mais violento do que realmente é, ou seja, há uma distorção da realidade visando unicamente aumentar a audiência desses programas de noticiário policial.

Sobre essa temática, o que leva as pessoas a serem influenciadas pelos apelativos jornalísticos hoje apresentados, sugerimos que possa ser objeto de outros estudos, posto ser um grande tema para discussão e para consideração dos estudiosos.

Estaria o povo também banalizando a vida e as suas condições de vida?

Estariam as pessoas, ao ver esses noticiários, desafogando algum tipo de sentimento interno de revolta diante dos quadros apresentando tão elevados os índices de violência no país?

Outrossim, uma vez que em grande parte dos noticiários é apresentada a guerra entre criminosos, que se executam entre si, estariam as pessoas se sentindo “vingadas” ao tomarem conhecimento das mortes desses “bandidos” que também causaram outras mortes?

Para este último contexto, o sentimento de vingança, Marx e Engels (2001) falam sobre o que, inclusive, consideram antíteses na obra “*Ideologia Alemã*”:

Crime – inimizade

Criminoso – inimigo ou adversário

Punir – defender-me

Pena – satisfação, vingança, autossatisfação

Importante destacar o contido em uma nota dos autores no livro “*Ideologia Alemã*”:

“Em teu agir contra Mim jamais poderás ser um criminoso, e sim apenas um adversário ” (p. 268) – e “inimigo”, no mesmo sentido (p. 256) – crime com inimizade do homem – como exemplos disso são citados (p. 268) os “inimigos da pátria”. – “O lugar da pena deve ” (postulado moral) “ser tomado pela satisfação, que, por sua vez, não deve ter o propósito de satisfazer o direito ou a justiça, mas sim Nos proporcionar o que é satisfatório.” (p. 318).

Destaca-se do texto que Marx e Engels (2001) bem retratam que “*O lugar da pena deve ser tomado pela satisfação, que, por sua vez, não deve ter o propósito de satisfazer o direito ou a justiça, mas sim Nos proporcionar o que é satisfatório*”.

Ou seja, as pessoas não veem a pena como uma justiça, mas a tem como uma satisfação pessoal ao ver punido aquele que infringiu alguma norma das relações sociais. O prazer e a satisfação de assistir à punição de um possível inimigo ou contraventor.

Estará a mídia se apropriando e explorando justamente esses sentimentos apontados de revolta, de vingança, de desafogar sentimentos?

Sobre os efeitos dos noticiários *shows de variedades*, estariam eles influenciando negativamente os indicadores de sensação de insegurança da população apontados em pesquisas? O fato de as pessoas estarem submetidas a essa enxurrada de programas apelativos, estaria as tornando seres mais inseguros, com medo de sair de casa por acharem que a violência e a criminalidade ocupam realmente 100% das suas vidas, como sensacionalizado por aqueles apresentadores?

Estará a mídia sensacionalista estimulando uma mudança na rotina social, submetendo essa sociedade ao aumento dessa sensação de medo?

No artigo intitulado “Fatores estimuladores da sensação de insegurança e a valorização midiática” (publicado na Revista ordem pública e defesa social - V. 4, Nº. 1 e 2, semestre I e II, 2011), os Cadetes da Polícia Militar de Santa Catarina Enio Luciano Targino Ferreira, Israel Nascimento Damázio e Jobson Machado de Aguiar, aduziram que a “busca por segurança sempre foi uma das prioridades da sociedade, objetivo este cada vez menos alcançado por uma série de fatores, entre eles, o medo do crime, evidenciando o papel que a mídia desenvolve para aumento dessa sensação”.

Aduzem, ainda, os autores do artigo que:

Etimologicamente, pode-se dizer que medo significa inquietação diante de um perigo real ou apenas imaginário, de pavor diante de determinadas situações.

Pode-se determinar “medo do crime” como a insegurança que determinados grupos de pessoas sentem de situações criminosas, ocorridas em suas proximidades.

Diante das notícias que preenchem os jornais escritos, falados ou televisivados, não haveria de se pensar de outra forma senão no aumento do me-

do do crime pela sociedade, pois coisas inimagináveis há um curto espaço de tempo passaram a ser comuns e muito próximas do cotidiano de cada cidadão brasileiro.

Ao apresentarem um conceito para o substantivo medo, como uma *inquietação diante de um perigo real ou apenas imaginário, de pavor diante de determinadas situações*, resumem o tema do presente estudo, a “Confiança e Reciprocidade entre a Mídia e a Sociedade: o Sensacionalismo e a sensação de medo”. Podendo ser esse medo qualificado como algo real ou imaginário.

Ainda, destacam os autores:

(...) com a finalidade de compreender os sentimentos que afrontam a sociedade acerca de questões ligadas à criminalidade, Dantas e Silva Junior, citados por Tércia (2004), esclarecem que existem diversos fatores que contribuem para potencializar o “medo do crime”, e, dentre as questões apontadas, pode-se citar a residência em uma região violenta, a questão de já ter sido vítima de algum crime, a vulnerabilidade, o isolamento social, bem como a desinformação ou má informação.

É cabível destacar esses *diversos fatores que contribuem para potencializar o “medo do crime”*:

- a residência em uma região violenta;
- a questão de já ter sido vítima de algum crime
- a vulnerabilidade;
- o isolamento social; e,
- a desinformação ou má informação.

Todos os fatores apresentados naturalmente contribuem para a elevação da sensação de medo em uma das categorias retromencionadas, seja o medo real, ou o medo imaginário. Contudo, destaca-se na relação a questão da *má informação*.

Para este último, a informação, os Cadetes PMPR apresentam um extrato de autoria de Tércia (2004), a qual aduz que:

(...) a democracia tem na imprensa, ética e fiel à verdade, o seu principal canal de informação e opinião. A liberdade de imprensa e a necessidade de se conviver com as diferenças, aceitar opiniões e saber usar o direito de defesa, fazem parte do processo de revitalização permanente da democracia.

E mais, que os meios de comunicação constituem um fenômeno na vida social do ser humano e no processo de formação da opinião pública. Neste norte, pode-se vislumbrar que: Em relação à lógica do medo, pode ser dito que praticamente todas as notícias de crime que coletamos de 2001 em diante continham dois fragmentos narrativos. O primeiro propõe que o crime ocorrido poderia ter atingido qualquer um; o segundo, que esse tipo de crime pode ocorrer novamente. A presença insistente desses dois fragmentos propõe o lugar de vítima virtual à audiência ao afirmar que o crime ocorrido é incidência e que o problema concerne a todos como indivíduos, pois cada um pode ser a próxima vítima (VAZ e GAELLE, 2008, grifo nosso).”

Muito importante destacar o registro que os *meios de comunicação constituem um fenômeno na vida social do ser humano e no processo de formação da opinião pública.*

Daí, concluem os autores que *uma forma de otimização da mídia para contribuição da diminuição do chamado medo do crime seria expandir a divulgação das atividades da polícia, ao invés de supervalorizar atividades criminosas.*

Ao nosso ver, os meios de comunicação realmente constituem um *fenômeno* na vida social. Esse *fenômeno* é tão importante que interfere direta ou indiretamente na vida de cada um de nós. Essa interferência pode ser percebida nos mais diversos campos: lança moda, dita regras, atribui estilos e modismos, aponta para tendências sociais. Ainda, infelizmente, como já apontado, quando se trata da *má informação*, esse medo pode ser trágico, desconstruir cenários reais e construir cenários imaginários.

Ou seja, conforme já conceituado essa *má informação*, fatalmente, produz uma *inquietação diante de um perigo real ou apenas imaginário* na vida das pessoas.

Tudo o que se sabe é que na realidade as pessoas tem sofrido a influência negativa e causadora de insegurança no seu dia-a-dia. Elas saem menos de casa, se relacionam menos com sua vizinhança, entre outros efeitos negativos.

Para ilustrar o presente capítulo, que trata da “**Influência dos shows de variedades no comportamento das pessoas**” apresentaremos um único depoimento acerca do medo causado pela exposição ao jornalismo apelativo. A jovem Cristiane, moradora da cidade de Paraopeba, no Estado de Minas Gerais, ao ver o que era apresentado pelos programas imaginava que Belo Horizonte era uma cidade da de-

sordem, um complexo de violência. Contudo, ao ter que se mudar para aquela Capital para trabalhar, percebeu que a realidade era muito diferente da apresentada pelos noticiários.

A ela foi perguntado: *a mídia influencia sua vida quando se trata da sensação de segurança ou de insegurança?*

Sua resposta é transcrita, integralmente, a seguir:

“Violência – agressividade” Termo amplo’.

Normalmente já temos medo do que não conhecemos. Em se tratando de violência urbana, o medo é ainda maior.

Por sempre morar no interior de Minas Gerais, a visão que tive ao longo dos anos, desde a infância, foi aquela levada pelas imagens criadas através de noticiários da TV e dos jornais impressos. Sempre via relatos de que principalmente as capitais brasileiras são muito violentas. Com isso, cresci com certo ‘trauma’, de que se eu visitasse alguma cidade grande (com base nas estatísticas dos noticiários) eu iria sofrer algum tipo de violência.

Acredito que os noticiários seriam para alertar a população, porém, hoje, percebo o quanto são sensacionalistas, e acabam exagerando em notícias trágicas.

Evidenciam e generalizam muito a violência, às vezes dá impressão de que em determinada cidade só tem crimes e bandidos.

Acredito que utilizam esse exagero, principalmente mostrando cenas chocantes e emotivas, para conseguir audiência, o que pode causar no telespectador uma visão distorcida da realidade”.

(Depoimento, de Cristiane Ferreira do Carmo, Paraopeba, Minas Gerais, novembro/2015, exclusivo para o presente estudo)

O depoimento de Cristiane vem confirmar as conclusões acerca da atuação nefasta da mídia sensacionalista. A *má informação*, a informação apresentada de forma irresponsável causa uma percepção distorcida da realidade. Pior, essa mídia é formadora de opinião, então, deveria ser mais um instrumento a favor do povo na formação da sua qualidade de vida. Ao invés disso, trabalha ao seu próprio tempo com o uso da máxima de Nicolau Maquiavel: *os fins justificam os meios*.

Traduzindo, para o sentido midiático de informar, melhor de muitas vezes mal informar, *os fins* (a audiência a qualquer custo) *justificam os meios* (com o uso de

apelativos noticiários, de imagens e de fatos que, em muitos casos, distorcem a realidade), causando até mesmo pânico na sociedade.

CAPÍTULO 4

Os tablóides de forte apelo popular - mídia escrita

Para Batista (2002, p. 4), a equação penal - se houve delito, tem que haver pena - é a lente ideológica que se interpõe entre o olhar da mídia e a vida, privada ou pública.

Essa equação é alavancada, como aponta Paixão (2008), em uma espécie de *show de variedades*, que explora fatos que consideram de maior repercussão junto às classes que o jornal ou o apresentador pretende atingir.

Ou seja, para a mídia não importam os eventos da criminalidade como um todo, não existe para ela um estudo acerca da criminalidade e da violência. A mídia sensacionalista explora sim aqueles fatos que, ao seu perceber, podem aumentar a audiência, indiferente da influência causada por eles na sociedade, indiferente da reação dessa sociedade ao sensacionalismo exacerbado.

Uma dessas reações pode ser o medo exagerado de uma realidade fantasiada pelos veículos de comunicação que exploram a temática. A fragilidade das pessoas é explorada a tal ponto que as torna vítimas de um *medo imaginário*.

Conveniente reiterar o que acrescenta Batista (2002, p. 5) que a importância de um fluxo permanente de informações acríicas pode com êxito ser disputada e manipulada pela mídia.

A atuação de veículos de comunicação e de jornalistas de forma acríica e inconsequente tem sido cada vez mais forte na realidade popular. Personagens que se criam apenas para a exploração do imaginário popular e para levar fatos que aterrorizam, que causam medo, que causam insegurança são cada vez mais frequentes, em todo tipo de mídia.

Em continuidade, aduz Batista (2002, p. 5 e 6), que:

(...) quando o jornalismo deixa de ser uma narrativa com pretensão de fidedignidade sobre a investigação de um crime ou sobre um processo em cur-

so, e assume diretamente a função investigatória ou promove uma reconstrução dramatizada do caso - de alcance e repercussão fantásticamente superiores à reconstrução processual -, esse jornalismo passou a atuar politicamente e com interesses a serem pesquisados.

Em síntese, questiona Batista se os autores cujos crimes exibidos nos programa “*de notícias fantásticamente elaboradas*” estariam sendo julgados, sem defesa, naquele momento do noticiário, e não pelo júri que referendará o veredicto de Domingos Meirelles (jornalista brasileiro, filho de imigrantes portugueses, nascido no Rio de Janeiro, exerce a profissão desde 1965).

Quando se apresenta o fato apontando fulano ou beltrano, quando se sensacionaliza aquele fato; quando se expõe esse fato com os julgamentos dados pelos apresentadores; quando se sujeito, de forma fantásticamente elaborada, esses fatos ao julgamento da sociedade, que endossa as opiniões dos jornalistas, estaria sim o veículo e/ou o apresentador usurpando a função de julgar, que é exclusiva dos tribunais.

Agravando-se a questão, estariam esses noticiários “fantásticos” proliferando uma certa “cultura do medo”, por intermédio de notícias potenciais causadoras de alucinações virtuais?

Para uma possível resposta, talvez devêssemos abordar um pouco da sensibilidade excessiva a que está exposta a sociedade moderna líquida, estudada por Bauman (2013).

Aduz Bauman, que *essa modernidade líquida criou uma nova era nas formas de relacionar das pessoas, sendo que esses relacionamentos estão cada vez mais fragilizados e desumanizados.*

Estariam os veículos de comunicação e os seus comunicadores contribuindo para essa fragilização da sociedade e também para a desumanização das pessoas? Os noticiários, hoje, pouco se importam com esses efeitos a serem provocados nos seus públicos, o que lhes importa é vender audiência, a qualquer custo.

Percebe-se que as pessoas estão cada vez menos sensíveis às fragilidades, aos medos, às necessidades das outras pessoas e cada vez mais sensíveis ao medo causado pelo excesso de fantasia que cobre os noticiários. Estaria a sociedade, devido a essa excessiva sensibilidade, vivendo uma metamorfose do comportamen-

to em face à repercussão “fantástica” de notícias reproduzidas pela mídia, as quais podem estabelecer ou incentivar uma cultura do medo?

Neste capítulo, faremos uma breve abordagem dos jornais Notícias Populares, Super Notícias e Jornal Aqui, que circulam nas principais capitais do Brasil levando os piores casos de crimes para os lares dos brasileiros, utilizando uma linguagem às vezes agressiva e um noticiário bastante apelativo.

Cabe ressaltar que esses jornais, *salvo melhor juízo*, não se prendem especialmente à maneira de sensacionalizar notícias. Óbvio que estampam suas capas com as piores imagens possíveis, como fotos de criminosos, corpos estendidos no chão, armas e munições, veículos destruídos etc. Talvez o que eles façam é explorar o medo das pessoas mostrando-lhes várias facetas da violência e da criminalidade, e, quem sabe, direta ou indiretamente, até proliferar a cultura do medo no seu público.

O que esses jornais não fazem é discutir segurança pública, o que seria muito mais útil para a sociedade e que, inclusive, poderia ter seus anseios de qualidade de vida expostos e explorados em prol dessa própria sociedade, o que provavelmente resultaria em maior ação dos governos em políticas públicas.

Uma boa atuação da imprensa poderia minimizar a violência estrutural por exemplo, lembrando que essa violência estrutural tem amplas dimensões, dentre elas à ausência de ações governamentais em infraestrutura, garantia dos direitos fundamentais da população como saúde, educação, moradia, emprego etc. Os grandes e maiores beneficiários de uma boa estratégia de imprensa seriam justamente aqueles que são vítimas da exclusão social, e que dão muita audiência para a mídia ruim, talvez migrassem para a boa mídia, ao perceberem uma mudança na estratégia da mídia justamente em prol dessas pessoas, explorando fatores que lhes poderiam ser úteis e lhes trazer qualidade de vida por exemplo, ao invés de lhes apavorar com a inversão de certas realidades.

O conceito de segurança pública é amplo, não se limitando à política do combate à criminalidade e nem se restringindo à atividade policial. Repórteres e jornalistas deveria ser qualificados para, justamente, abordarem esse conjunto que envolve a segurança pública, isso sim seria ação positiva, isso sim seria útil e digno de audiência nos meios de comunicação. Reportagens bem feitas teriam sim uma audiência que talvez até surpreenda os veículos. Há diversos exemplos desse tipo de noticiário que deram certo e que tem seu público fiel e cativo. Um desses bons exemplos é o

Jornalístico programa Fantástico, exibido pela Rede Globo de Televisão, que traz um conjunto de notícias e de informações sem necessitar fantasiar ou sensacionalizar fatos.

Infelizmente, percebemos que os meios de mídia não pretendem se modernizar, nem pretendem exibir programas de qualidade e que realmente sejam úteis para a sociedade como um todo. Ao contrário, preferem proliferar essa cultura ridículos dos noticiários de forte apelo e repletos de sensacionalismos.

Vejamos uma matéria veiculada no site Observatório de Imprensa:

O jornalismo de sensações, ou jornalismo sensacionalista, com manchetes 'desenhadas' com sangue, estimula o deleite do público ávido por novas emoções e revelação de expressões sádicas. É comum ouvir que tal jornal, 'se espremer, sai sangue'. Hoje, a programação da televisão brasileira que se autodenomina portadora de certificado de qualidade, pretende camuflar ou fazer a maquiagem do conteúdo popularesco que inspira a pauta de suas edições em apelação, vigorosa e desesperada, no sensacionalismo dos telejornais.

Com o advento das novas mídias, os meios de comunicação de massa estão disputando centímetros de leitores ou pontos preciosos na audiência para reposicionamento estratégico de mercado. Um desespero nunca visto antes. A ditadura da classe D, que ainda prestigia a audiência (,,).

(http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/se_furar_espirra_sangue/)

A expressão 'se espremer, sai sangue' foi por muitos anos utilizada quando se tratava desses jornais que exploram as manchetes policiais em primeira página, estampando ali imagens geralmente chocantes.

Ademais, foi muito feliz o autor da citação ao concluir que a programação da televisão, por exemplo, recheia "suas edições em apelação, vigorosa e desesperada, no sensacionalismo dos telejornais".

Apelação é a palavra de ordem hoje nas pautas de muitos jornais hoje disponíveis, da mídia escrita, da mídia falada e da televisada.

Inclusive, podemos destacar os horários de apresentação dos jornais televisados, por exemplo, que se bem observarmos pretendem atingir a um público muito específico, geralmente vão ao ar dentro do horário comercial, horário em que a maioria da população ativa encontra-se nos seus empregos, ou trânsito.

Quem então estaria dando audiência para esse tipo de noticiários?

Por quê explorar um horário em que a maioria trabalhadora pode não estar disponível para lhes assistir?

Seria uma estratégia para atingir formadores de opinião, ou pessoas de forte e própria opinião como os aposentados, por exemplo? Avós e pais, geralmente tem grande influência na formação da cultura familiar.

Bom tema para futuros debates, não para este trabalho.

Outro fator a ser considerado é o baixo valor cobrado por cada exemplar dos jornais escritos por exemplo. Por muitos anos, por exemplo, o Jornal Super Notícias, além de outros populares, circulou sendo vendido por R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos de real), o que, certamente, o impulsionou a atingir o nível de jornal mais vendido do país.

Fato positivo, talvez o único, é que pelo menos esses jornais tem modificado uma realidade no povo, eles estão fazendo com que as pessoas leiam mais. Como o que importa é ler mais, então talvez isso possa ser um ganho para o povo.

O presente capítulo tratará dos tabloides. Das principais características de cada um dos jornais supracitados, extraímos do site Wikipédia as seguintes informações, iniciando com um jornal hoje fora de circulação e em seguida com outros três em pleno vapor nas ruas do país:

- **Notícias Populares**, também conhecido simplesmente como NP, foi um jornal que circulou em São Paulo entre outubro de 1963 e janeiro de 2001. Era conhecido por suas manchetes violentas e sexuais.

É considerado até hoje "sinônimo de crime, sexo e violência.

Seu slogan era "Nada mais que a verdade".

O jornal *Notícias populares* era publicado pelo Grupo Folha, mesma empresa que publica os jornais Folha de S.Paulo e Agora São Paulo e publicava o jornal Folha da Tarde.

Dentre as principais características do Jornal estão o fato de distorcer fatos de forma a criar manchetes polêmicas e que atraíssem a atenção dos leitores. No meio jornalístico, o NP era acusado de exagerar nos noticiários e até de inventar notícias

Para ilustrar bem a cara desse jornal, vejamos algumas das fortes manchetes que ele já estampou em suas capas:

- "Aumento de merda na poupança"
- "A morte não usa calcinha"
- "Traficantes derrubam avião no Jd. Ângela" (o avião no caso, é uma gíria para os garotos que repassam a droga entre o consumidor e o traficante).

Imagem 10. Uma das capas do Jornal *Notícias Populares*”



Fonte: Google Imagens

Dos jornais populares, hoje circulando, com mais expressão e com maior apelo voltado à criminalidade, citaremos três, de cujos extraímos do Wikipédia os dados a seguir:

- O **Super Notícia** é o jornal de segunda maior circulação do Brasil, publicado desde junho de 2002 na cidade de Belo Horizonte/MG. É editado pela Sempre Editora, com o formato de tabloide e temática popular. A linha editorial do Super Notícia é voltada, principalmente, para as consideradas classes C e D. Hoje, o valor da edição é impressa é R\$ 0,50 (cinquenta centavos de real).

Imagem 11. Logomarca do Jornal *Super Notícia*



Fonte: Google Imagens

- **Meia Hora de Notícias** é um jornal do Rio de Janeiro, ligado ao grupo O Dia. Trata-se de um tabloide popular com preço de R\$ 0,80. Tem de 32 a 44 páginas, é matutino e tem como objetivo ser de fácil compreensão. É destinado às classes C e D, em virtude das notícias locais e da linguagem popular empregada. Apresentou-se inicialmente como opção mais barata e prática ao Extra. Uma característica do jornal é publicar notícias utilizando uma linguagem repleta de gírias e erros.

Imagem 12. Logomarca do Jornal *Meia Hora de Notícias*



Fonte: Google Imagens

- **Aqui** é um tablóide que circula em diversas cidades do país. Publicado pelos Diários Associados desde 2005. É o primeiro da Série Aqui que circula em várias praças dos Associados. Devido ao seu sucesso, em Belo Horizonte, por exemplo, o jornal Diário da Tarde foi encerrado em 2007 para intensificar o tablóide Aqui. Seu principal concorrente é o Super Notícia. Hoje, o exemplar impresso é comercializado por R\$ 0,50 (cinquenta centavos de real).

Imagem 13. Logomarca do Jornal *Aqui*



Fonte: Google Imagens

O incremento da circulação de jornais brasileiros, para atingir os níveis atuais de venda, contou, certamente, com a contribuição dos jornais populares, como Super Notícia, Meia Hora e Extra. Juntos, eles tem uma circulação média/diária de 738.377 exemplares, segundo informações do site Comunicação e Crise.

O site, ainda, registra os jornais de maior circulação média diária no país. As tiragens desses jornais populares por edição atingem cifras gigantescas, conforme listagem a seguir:

Tabela 1: Jornais de maior circulação média diária no país

JORNAL	Nº DE EXEMPLARES
Folha de S.Paulo	299.427
O Globo-RJ	293.287
Super Notícia-MG	282.213
Meia Hora-RJ	234.253
Extra-RJ	221.911
O Estado de S. Paulo	220.032
Zero Hora-RS	187.220
Diário Gaúcho-RS	167.125

Correio do Povo-RS	157.543
Lance-RJ	121.820

(Fonte: Site Comunicação e Crise)

CAPÍTULO 5

Breves comentários sobre o verdadeiro papel dos jornais, diverso do espetacularmente fantasiosos

Em um comentário para a rádio Itatiaia/SP, em 11/11/2014, o conhecido Jornalista Alexandre Garcia resumiu, por meio de uma única pergunta, algo que muito nos incomoda no Brasil: “*Por que detestamos a polícia?*”

A seguir, transcrevemos esse depoimento, o qual, de maneira bastante coerente, faz um paralelo entre Brasil e Estados Unidos:

As manchetes dos jornais aqui do Brasil dizem que em cinco anos a polícia do Brasil mata mais que a polícia dos Estados Unidos em 30 anos. Eu não sei porque nós detestamos a polícia. Devemos amar os bandidos. Deve ser isso. Amamos os bandidos e detestamos a polícia porque a polícia representa a Lei.

Aduz Garcia que “...*detestamos a polícia porque a polícia representa a Lei...*”. A lei é justamente o norte que determina e que dita a conduta em sociedade. Desde o ventre da mãe, o ser humano já vem se familiarizando com as regras da sociedade. Ao nascer, e crescer, ouvimos pais e mães sempre a dizer isso pode ou isso não pode. Nas famílias todos participam da educação, seja de filho, seja de sobrinho, seja de irmão, seja de neto. Nem por isso passamos a odiar esses agentes que nos impõem as regras da convivência (a lei), com uso do isso pode ou isso não pode.

Qual seria a origem desse sentimento de repulsa à polícia então apontado por Garcia? Um dos fatores por ele apontado nesse início de artigo é justamente a forma que os jornais no Brasil se referem a essa polícia. As chamadas são apelativas, como esse exemplo: “*As manchetes dos jornais aqui do Brasil dizem que em cinco a-*

nos a polícia do Brasil mata mais que a polícia dos Estados Unidos em 30 anos.” A imprensa lança a informação de maneira genérica, irresponsável e inconsequente, causando a impressão que a polícia é o grande mal do Brasil, que a polícia é a responsável pela violência e pela criminalidade que se apresenta no país.

Prossegue seu comentário, Alexandre Garcia:

A polícia não vai permitir que a gente cheire cocaína, por exemplo, ou saia fumando maconha por aí, vendendo maconha. A polícia não deixa. Aí a gente diz, olha a polícia mata seis por dia! E quantos policiais são mortos por dia no Brasil? 1,3 por dia, 490 policiais foram mortos por bandidos no ano passado. Sabem quantos policiais são mortos nos estados Unidos? 70, por ano. Ou seja aqui matamos sete vezes mais policiais, é o país do mundo onde mais policiais são mortos no cumprimento do dever, defendendo os outros, defendendo a Lei.

Prossegue Garcia ao afirmar que a polícia não vai nos permitir fazer coisas que a lei não permite. *Ela não deixa*, a função da polícia é justamente essa, fazer cumprir a lei, manter a ordem, evitar a desordem, primar pela paz social e pela convivência entre as pessoas da forma mais pacífica possível. Daí, *ela não deixa*, não permite, ou pelo menos tenta evitar, a quebra da ordem, da paz social.

Então, com essa imposição da lei e do cumprir essa lei, surge o comentário: *Aí a gente diz, olha a polícia mata seis por dia!*. Novamente, entra a imprensa inconsequente explorando de maneira fantasiosa essa alternativa. Ao invés de tratar do centro do assunto, que é a questão das regras para a boa convivência, simplesmente afirmam que a polícia não deixa fazer isso ou aquilo, quando na realidade a polícia faz cumprir nada mais que os preceitos legais, os instrumentos da legalidade. E aí? Por que detestamos a polícia então? Por que alguns jornais fazem questão de levar avante essa questão de protelar e de propagar um sentimento de revolta contra a polícia?

Conforme exposto por Garcia, no Brasil mata-se sete vezes mais policiais que nos Estados Unidos, que somos o *país do mundo onde mais policiais são mortos no cumprimento do dever, defendendo os outros, defendendo a lei*. Essa triste estatística não é manchete de jornais, ao contrário, os repórteres despreparados e desqualificados que compõem os jornais fantasiosos desfiguram essa realidade, essa fato, e

inverte a notícia, de forma pejorativa, ao apontar o que a polícia faz, não deixa fazer o que se quer, quando se trata de alguma coisa legalmente proibida.

Ainda, Alexandre Garcia traz outras informações e dados:

Outra comparação: sabem quantos homicídios têm os Estados Unidos por ano? 12.996 no último ano. No Brasil: 56 mil. E os Estados Unidos têm uma população bem maior que brasileira, são 300 milhões contra 200 milhões, dá quatro homicídios por 100 mil habitantes lá e aqui são 26 homicídios por 100 mil habitantes. Então essa comparação é fajuta. É só pra gente criticar a polícia porque nós detestamos a polícia aqui no Brasil. Não na hora que somos assaltados, porque aí nós queremos que apareça a polícia.

Garcia ilustra, novamente, a forma genérica utilizada pelos maus profissionais da imprensa ao divulgar suas matérias. Esses repórteres se restringem a lançar os dados brutos que tem na mão. Não se cuidam de apurar esses dados, de verificar as peculiaridades por exemplo, que diferenciam Brasil de Estados Unidos, duas realidades distintas, dois mundos distintos. Garcia qualifica como *fajuta* a comparação feita por maus profissionais, reafirmando que o objetivo desse tipo de mídia e apenas criticar a polícia, e não apresentar os fatos com a qualidade que deveriam conter. Reforçar que detestam a polícia, contudo, esse sentimento ruim não se manifesta na hora que as pessoas são vítimas de algum crime, “...*porque aí nós queremos que apareça a polícia.*”, conclui Garcia. Que dilema, que polícia é essa que somente é bem quista quando se necessita dela para alguma situação pessoal? Chefes de redação devem repensar suas pautas e seus conteúdos pejorativos e formadores de opinião, muitas vezes diversa da que deveria realmente ser ou da realidade que ora se apresenta.

Conclui seu comentário o jornalista Alexandre Garcia apontando a diferença no tratamento de policiais heróis no Brasil e nos Estados Unidos:

Outra diferença é que nos Estados Unidos, os policiais heróis são tratados como heróis, aqui policial herói é esquecido. O bandido é que é glorificado aqui, fica famoso porque é notícia. Bom, vamos mudar de assunto porque esse assunto, de certa forma, é irritante para quem acha que devemos ser um país civilizado.

(Alexandre Garcia é jornalista e comentarista de rádio e televisão)

Afirma Garcia que *aqui o bandido é glorificado e fica famosa porque é notícia.*

Reforçando essa assertiva, Ramos e Paiva (2007) concluíram que *os jornais tem que abordar o tema segurança pública, em detrimento do tema violência. Tem que abordar a segurança do cidadão e não a violência e os crimes evidenciando certos criminosos, dando status a criminosos.*

Infelizmente, jornais tem sim dado status a criminosos, que, inclusive, disputam entre si essa coisa de aparecer na mídia, de que aparece mais, quem é o pior ou cometeu o pior crime. Está na hora dos veículos de comunicação amadurecerem e assumirem o seu verdadeiro papel, o de informar a população, o de ser até mesmo um elo de ligação entre população e governos, nas diversas esferas. Quem melhor que os jornais para levar aos governantes os anseios da sociedade?

Em complementação, Ramos e Paiva apresentam um depoimento do jornalista Plínio Fraga, chefe de reportagem da *Folha de S. Paulo*, o qual foi um dos entrevistados na pesquisa das autoras:

“Jornal que só pensa na edição do dia seguinte está fadado a morrer. É preciso pensar sempre a longo prazo, com matérias que fujam do fato, do que aconteceu ontem, e em seu lugar apontar tendências. Este é o papel do jornal. Estar mais perto da reflexão, mostrar um direcionamento e cobrar de governos. E é isso que os jornais ainda fazem pouco na área da segurança pública”.

Novamente, é ressaltado qual o verdadeiro papel do jornal, o de *mostrar um direcionamento e cobrar governos*. Ou seja, esses jornais devem refletir e apresentar o fato, a notícia, e não um *show de variedades* infundado e que mascara a realidade.

Na conclusão do artigo “Fatores estimuladores da sensação de insegurança e a valorização midiática”, os Cadetes da Polícia Militar de Santa Catarina Enio Luciano, Israel Nascimento e Jobson Machado (2011) enfatizaram muito bem a abordagem midiática que, inclusive, pode causar uma desestrutura social:

(...) o enfrentamento do chamado medo do crime ou medo da violência deve ser abordado com seriedade, pois se trata de um problema silencioso, que afeta sobremaneira a rotina das pessoas, que passam a conviver com uma situação de desconforto ante a possibilidade de estar entre as próximas ví-

timas, o que gera cada vez mais o isolamento social (caráter sociológico), o aumento de serviços de segurança privada (caráter econômico), desconfiança nas instituições policiais (caráter político), desencadeando, assim, toda uma desestrutura social geradora de mais violência.

Por fim, e não menos importante, verificamos que Ramos e Paiva (2007) apresentam uma análise da relação apresentada pela mídia entre periferia e violência e as diferenças na cobertura dos fatos de acordo com as classes sociais que em que ocorre essa violência. Aduzem as autoras que:

O mea culpa da imprensa pela cobertura estigmatizante que realiza sobre favelas e periferias é um dos poucos consensos encontrados na pesquisa do CEsC. A maioria dos profissionais ouvidos reconhece que os seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções etc.

Triste a realidade ao se confirmar o que já é percebido nos jornais diversos, escritos, falados etc., que apresentam os bairros de periferia como o centro da violência e da criminalidade. Passagem importante, e que merece destaque, é que as autoras afirmam que a “...*cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas*”. Raríssimas vezes, salvo em caso de grandes tragédias e catástrofes, as necessidades das comunidades menos favorecidas são alvo de alguma pauta jornalística.

Na sequência, as autoras reforçam as considerações da necessidade de se rever essa realidade:

Os repórteres admitem as deficiências da cobertura e afirmam que é necessário estabelecer novos canais de diálogo com as comunidades pobres. No entanto, citam várias dificuldades para justificar essa ausência – desde a falta de fontes legítimas e independentes até a recepção negativa que encon-

tram por parte dos moradores. Vários jornalistas, na maioria do Rio de Janeiro, descreveram reações de hostilidade por parte dos habitantes das favelas. Em geral, os xingamentos e as ameaças recaem sobre a imprensa quando ela acompanha operações policiais. “Eles acham que nós é que estamos levando a polícia lá”, acredita Alexandre Arruda, repórter de O Dia. A jornalista Mônica Puga, do SBT, lembra que a imprensa tinha no passado um relacionamento predominantemente amistoso com as comunidades, fácil acesso e, em alguns casos, era considerada a voz da população. “Hoje, os jornalistas são recebidos como alcagüetes”.

Ao afirmarem que *vários jornalistas descreveram reações de hostilidade por parte dos habitantes das favelas*, levanta-se um questionamento que as próprias autoras apresentaram:

Cabe perguntar: será que os repórteres estão limitando a sua presença nas favelas ao acompanhamento de ações policiais por causa da hostilidade da população ou passaram a encontrar uma recepção hostil por só acompanharem as ações policiais?

Cabe uma reflexão. A percepção da população sobre a atuação dos repórteres foi mudando ao longo do tempo justamente por eles apenas apresentarem as populações pobres em casos de violência, criando uma falsa imagem dessas populações de que são violentas? Seria a lei da ação e da reação? Como não dão a devida atenção, repórteres recebem a hostilidade em troca.

CONCLUSÃO

Muitas são as hipóteses para questionamentos, quando se trata da influência dos jornais na sensação de medo das pessoas. Partindo dessa assertiva, algumas conclusões:

- de que modo a mídia influencia a sensação de segurança e/ou de insegurança nas pessoas?

Percebemos ao abordarmos o tema mídia sensacionalista, e em observação à atitudes de pessoas próximas, que o fator medo é diretamente influenciado pelas veiculações dos programas midiáticos que exploram a violência e a criminalidade como suas prioridades. Em nenhuma bibliografia foi diretamente apresentada essa conclusão, contudo, mesmo que não haja neste trabalho um capítulo voltado ao empirismo, ao acompanharmos pessoas próximas notamos, explicitamente, que essas pessoas sofrem a interferência negativa do volumoso número de informações sensacionalizadas às quais se expõem diariamente. Ainda, percebemos que essas pessoas ficam “viciadas” neste tipo de programação, posto que sentem falta quando por algum motivo perdem algum dia o programa.

- Por que a mídia influencia a sensação de segurança e/ou de insegurança nas pessoas?

Em algumas conversas informais com algumas pessoas, percebemos nessas que, conforme depoimento apresentado no capítulo 3, no qual é feito um importante relato de Cristiane Ferreira:

Por sempre morar no interior de Minas Gerais, a visão que tive ao longo dos anos, desde a infância, foi aquela levada pelas imagens criadas através de noticiários da TV e dos jornais impressos. Sempre via relatos de que principalmente as capitais brasileiras são muito violentas. Com isso, cresci com certo ‘trauma’, de que se eu visitasse alguma cidade grande (com base nas estatísticas dos noticiários) eu iria sofrer algum tipo de violência.

Em síntese, nossos métodos para o presente estudo envolveram vasta bibliografia, em busca do que os estudiosos já disseram sobre o tema. Principal atenção dedicamos à obra *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.*, das autoras Silvia Ramos e Anabela Paiva, posto que envolve um amplo conteúdo que, inclusive, contém depoimentos de pessoas diretamente ligadas às redações de veículos de comunicação.

O sensacionalismo visto nos jornais de forte apelo emocional reforçam o medo nas pessoas, medo esse que vai além do instinto de auto-preservação. A mídia fantástica tem relação direta com a sensação de insegurança pública, a partir do

momento em que distorce a realidade e apresenta os fatos como uma situação generalizada, quando na verdade não é.

Conforme Paixão (2008), a preocupação com a (in)segurança pública ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão; Para o autor, esses noticiários apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de *show de variedades*, explorando aqueles fatos de maior repercussão de maneira fantasiosa e sensacionalista. Esse *show de variedades* aumenta o medo nas pessoas. Faz com que as pessoas se sintam acuadas, e cada vez mais se sintam presas dentro das próprias casas. Muitas vezes já vimos e ouvimos a expressão que “*enquanto os bandidos ficam soltos cometendo seus crimes a população fica presa entre as grades das próprias casas*”. Isso destrói ou, no mínimo, fragiliza os relacionamentos entre pessoas, comunidades, vizinhanças etc. As relações sociais ficam cada vez mais vulneráveis face à influência nefasta de maus profissionais e/ou maus veículos, que exploram, inconsequentemente, a (in)segurança das pessoas.

Bauman (2013), aborda essa sensibilidade excessiva a que está exposta a sociedade moderna, a qual ela adjetiva como *líquida*. Para ele, *essa modernidade líquida criou uma nova era nas formas de relacionar das pessoas, sendo que esses relacionamentos estão cada vez mais fragilizados e desumanizados*.

Estariam os veículos de comunicação e os seus comunicadores contribuindo para essa fragilização da sociedade e também para a desumanização das pessoas?

Os jornais, hoje, pouco se importam com esses efeitos provocados nos seus públicos, o que lhes importa mesmo é vender audiência, vender milhares de exemplares, a qualquer custo.

O Jornalista Alexandre Garcia tratou do assunto a partir da tese de que a imprensa mal intencionada, ou que apenas busca audiência, inverte a situação levando a população contra a polícia, como se fosse ela a responsável pelo caos que hoje se apresenta ao se abordar o tema violência e criminalidade, em detrimento do tema segurança pública, e suas vertentes.

Garcia resumiu, por meio de uma única pergunta, a sua opinião acerca de algo que muito nos incomoda no Brasil: “*Por que detestamos a polícia?*”.

Aduz Garcia que “*...detestamos a polícia porque a polícia representa a Lei...*”. A lei é justamente o norte que determina e que dita a conduta em sociedade. Desde o ventre da mãe, o ser humano já vem se familiarizando com as regras da sociedade. Ao nascer, e crescer, ouvimos pais e mães sempre a dizer isso pode ou isso não

pode. Nas famílias todos participam da educação, seja de filho, seja de sobrinho, seja de irmão, seja de neto. Nem por isso passamos a odiar esses agentes que nos impõem as regras da convivência (a lei), com uso do isso pode ou isso não pode.

Ainda mais objetivo, Garcia é incisivo ao afirmar que a polícia não vai nos permitir fazer coisas que a lei não permite. *Ela não deixa*; a função da polícia é justamente essa, fazer cumprir a lei, manter a ordem, evitar a desordem, primar pela paz social e pela convivência entre as pessoas da forma mais pacífica possível. Daí, *ela não deixa*, não permite, ou pelo menos tenta evitar, a quebra da ordem, da paz social.

Agora, o que ganham os jornais, e os maus jornalistas, ao se esforçar para inverter essa realidade?

Vemos hoje uma cobertura midiática precária, ultrapassada, a qual se prende a fatos, talvez até insignificantes, simplesmente para obter a audiência que pessoas que se tornam vítimas dessa mídia. Pessoas, como esclarecido por Bauman (2013) estão vivendo uma modernidade líquida que corrompe as relações sociais. O medo está tomando conta das pessoas o que as faz, cada vez mais, se trancarem nas próprias residências, em detrimento da boa e salutar convivência social. Conclui o autor que os *relacionamentos estão cada vez mais fragilizados e desumanizados*.

No Brasil, segundo Garcia, *o bandido é glorificado e fica famosa porque é notícia*. A mídia local dá muito espaço para o criminoso, o defende, o expõe horas a fio, muitas vezes ao vivo, com o título de *coitadinho*. Mas, e a família, e o cidadão de bem, que foi ofendida por esse criminoso, o que ela é então nesse cenário fictício e insano que essa mídia cria?

Nesse contexto, Ramos e Paiva (2007) concluíram que *os jornais tem que abordar o tema segurança pública, em detrimento do tema violência. Tem que abordar a segurança do cidadão e não a violência e os crimes evidenciando certos criminosos, dando status a criminosos*.

Está na hora dos veículos de comunicação amadurecerem e assumirem o seu verdadeiro papel, o de informar a população, o de ser até mesmo um elo de ligação entre população e governos, nas diversas esferas. Quem melhor que os jornais para levar aos governantes os anseios da sociedade?

Em complementação, Ramos e Paiva apresentam um depoimento do jornalista Plínio Fraga, o qual considera que a mídia deve estar mais *perto da reflexão, mos-*

trar um direcionamento e cobrar de governos. E é isso que os jornais ainda fazem pouco na área da segurança pública.

Concluem as autoras que vários jornalistas descreveram reações de hostilidade por parte dos habitantes das favelas, levanta-se um questionamento que as próprias autoras apresentaram, e com o qual fechamos o presente estudo com a seguinte reflexão: (...) os repórteres estão limitando a sua presença nas favelas ao acompanhamento de ações policiais por causa da hostilidade da população ou passaram a encontrar uma recepção hostil por só acompanharem as ações policiais?

7. Referências

1. ADORNO, Sérgio; LAMIN, Cristiane. *Medo, violência e insegurança*. In: LIMA, Renato Sérgio; PAULA, Liana de (Org.). *Segurança pública e violência: o estado está cumprindo seu papel?* São Paulo: Contexto, 2008. p. 151-71.
2. BARREIRA, César; ADORNO, Sérgio. *A violência na sociedade brasileira*. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza (Org.). *Sociologia: horizontes das ciências sociais*. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 303-74.
3. BATISTA, Nilo. *Mídia e Sistema Penal no Capitalismo Tardio*. Revista Brasileira de Ciências Criminais, edição 43, Editora Revista dos Tribunais, 2002.
4. COMUNICAÇÃO EM CRISE. Dica de leitura. Disponível em <<http://www.comunicacaoecrise.com/site/index.php/artigos/301-circulacao-dos-jornais-no-brasil-cresceu-5-ano-passado>>.
5. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015*. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>>. Acesso em 23 de nov. de 2015.
6. FRANZONI, Sabrina. *A delimitação do corpus na pesquisa em jornalismo: o interdiscurso como método*. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 10 Nº 1. 2013.
7. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População brasileira*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 de dez. de 2015.
8. LIMA, Renato Sérgio; PAULA Liana de (orgs.). *Segurança Pública e violência: o Estado está cumprindo seu papel?* São Paulo: Contexto, 2008.
3. LOGÍSTICA DESCOMPLICADA. “*A potência econômica no ranking do PIB mundial*”. Disponível em <<http://www.logisticadescomplicada.com/brasil-6%C2%AA-potencia-economica-no-ranking-do-pib-mundial/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
9. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo. Editora Martins fontes. 2001.
10. PAIXÃO, Alberto Leal da. *A violência em cena: Comunicação e insegurança pública em Salvador - BA*. Disponível em <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/296>>. Consulta em 27/07/2015.
11. PORTO, Maria Stela Grossi. *Sociologia da violência*. Brasília: Ed. Francis, 2010.
12. RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

13. SUASSUNA, Rodrigo Figueiredo. *Confiança e reciprocidade entre policiais e cidadãos: A política democrática nas interações*. Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor Departamento de Sociologia - Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

14. TARGINO, Enio Luciano Targino Ferreira, DAMÁZIO, Israel Nascimento e AGUIAR, Jobson Machado de. *Fatores estimuladores da sensação de insegurança e a valorização midiática*. Revista Ordem Pública e Defesa Social - V. 4, Nº. 1 e 2, semestre I e II, 2011.

15. Wikipédia. Dica de leitura. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acessos no período de 15 nov. 2015 a 11 de dez. de 2015.